

CATEGORIZAÇÃO/ CLASSIFICAÇÃO

MARIA DE LOURDES GUIMARÃES DE CARVALHO E MARILÉIA DE SOUZA*

Universidade Estadual de Montes Claros
- UNIMONTES.

N

Resumo

Este estudo bibliográfico foi realizado com a finalidade de apresentar o conceito, as características e a importância da categorização para todos os campos da atividade humana, em especial para os estudos linguísticos.

Palavras-chave: Categorização. Classificação. Linguagem. Estudos linguísticos.

De modo superficial, pode-se pensar a categorização como uma maneira de organizar as entidades de determinado universo, em grupos ou categorias, com um propósito específico.

Embora categorizar não seja uma tarefa tão simples quanto parece, todos os campos do conhecimento humano dependem da tarefa de classificar seus elementos e justificar essa classificação, como tem sido feito desde a Grécia Antiga até os nossos dias. As atividades de classificação e agrupamento dos elementos do mundo – a categorização – se mostram como uma das ações mais recorrentes e frequentes da forma de interagir com o mundo real, com a linguagem e por meio dela.

Um dos primeiros pensadores a abordar o processo de categorização foi Platão, em seu diálogo “Político”. Nesse trabalho, o filósofo grego introduziu a ideia de agrupar objetos baseados na semelhança de suas propriedades. Discípulo de Platão, Aristóteles (2000), no tratado conhecido por Categorias, analisa a diferença entre classes e objetos, aprofundando e sistematizando o esquema de classificação proposto por Platão, e dá início às discussões sobre categorização.

Desde então, escassas foram as contribuições que se mostraram proeminentes para suscitar novos enfoques sobre a questão. Por conseguinte, os questionamentos a respeito do conceito de categorização chegaram ao século XX e, ainda hoje, continuam em pauta, apresentando novos olhares e novas apreensões. A vertente

clássica que orientou diversos trabalhos durante séculos e que foi basilar ao pensamento de muitos estudiosos da linguagem foi relativizada para se estabelecer outras abordagens através das quais é possível estudar e entender o processo de categorização.

No enfoque clássico, as categorias eram constituídas baseando-se na ausência ou presença de determinada propriedade. Contudo, abalizado por uma nova concepção de língua, e defendendo que “a utilização da palavra é seu uso na linguagem”, Wittgenstein (1989, p. 28), parte do princípio de que não haveria uma propriedade exclusiva que fosse compartilhada por todos os membros do grupo. Os elementos apresentariam características afins e, a partir dessas afinidades e, por estarem envolvidos em uma rede de sentidos, seriam reunidos, abandonando a ideia de encarar o ato de categorizar como uma relação direta.

Na esteira dos pensamentos de Wittgenstein (1989), Eleanor Rosch (1987) e George Lakoff (1987), desenvolveram diversas pesquisas no âmbito da categorização. Ambos sustentaram a ideia de que a categorização pode ser apreendida como um processo de agrupamento fundamentado em protótipos – membros mais típicos de uma categoria –, uma vez que critérios precisos, imprescindíveis e suficientes para uma definição das categorias são raramente encontrados no mundo real.

A teoria desses autores sugere que a categorização fundamentada em protótipos é basilar para o desenvolvimento humano e que neste tipo de aprendizagem o processo de corporificação (*embodiment*) exerce um papel fundamental. Essa visão argumenta, ainda, que sistemas conceituais de categorias não existem objetivamente no mundo real, mas estão arraigados nas experiências pessoais e coletivas. Dessa maneira, as categorias conceituais divergem de cultura para cultura e mesmo entre indivíduos de mesma cultura.

Em linhas gerais, as perspectivas até aqui abordadas buscaram discutir a categorização pelo viés da forma. As categorias adquirem o papel de recipientes e os seus elementos são considerados representações de uma realidade existente *a priori*. Desse ponto de vista, a categorização deve ser apreendida como uma relação cujos elementos são acomodados em seus devidos espaços por causa de suas características formais.

Com a ascensão da análise do discurso, da linguística textual e das ciências cognitivas, em particular com a linguística cognitiva, a categorização passou a ser encarada por outros vieses. Nessa abordagem, por exemplo, o enfoque da Categorização leva em conta, conforme Rodrigues-Leite,

seu caráter situado, localmente produzido, contextualmente dependente e linguisticamente organizado. As categorias, neste sentido, são produzidas de forma corporificada, o que não significa que têm uma determinação sensório-motriz, mas que estão imersas em uma prática social secular, mundana. Desta forma, a atividade

categorial não se reduz à atribuição de etiquetas prototípicas aos indivíduos e aos objetos, mas se ocupa dos métodos utilizados pelos sujeitos para caracterizar, descrever, justificar, compreender os fenômenos da vida cotidiana. (RODRIGUES-LEITE, 2004, p. 69).

Essa compreensão implica que as categorias não são apenas observáveis discursivamente, são também, estruturadas pelos processos linguísticos. Esses processos linguísticos fazem delas objetos-de-discurso, construídos para o discurso e não objetos de referência, preexistentes ao discurso.

Assim, é possível afirmar que, a partir do advento da análise do discurso e linguística cognitiva, o ato de categorizar passa, então, a ser encarado como um processo interacional, erigido discursivamente e dependente de um contexto situacional. Sobre isso, Medrado afirma:

um contexto semiologizado, que traz para a cena interativa, não apenas aspectos linguísticos, paralinguísticos e suprasegmentais, mas elementos corporais, gestuais, identidades institucionais e papéis sociais, ou seja, elementos socioculturais, produzindo uma relação dinâmica entre linguagem, cognição e interação. (MEDRADO, 2006, p. 104).

Mencionar, num mesmo verbete, a análise do discurso, a linguística textual e a linguística cognitiva pode acarretar estranhamento, uma vez que cada uma dessas áreas de conhecimento tem filiações, perspectivas e interesses teóricos distintos. Todavia, essas disciplinas, ou certas correntes dentro delas, se aproximam umas das outras quando negam a visão de linguagem tanto representacional quanto mentalista. Nesse sentido, o que as reúne é a ideia moderna de língua que não é um reflexo da realidade e a nova perspectiva de que o estabelecimento do sentido não se dá *a priori*, e sim na interação. A partir de tais teorias, as atividades de categorização e referenciação passam a ser encaradas como uma dimensão discursiva.

Mondada e Dubois asseveram que não há “uma estabilidade a priori das entidades no mundo e na língua”. Por isso,

no lugar de partir do pressuposto de uma segmentação a priori do discurso em nomes e do mundo em entidades objetivas, e, em seguida, de questionar a relação de correspondência entre uma e outra – parece-nos mais produtivo questionar os próprios processos de discretização. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19).

Também nessa direção, Marcuschi (2004) afirma que não há uma língua acabada de um lado, podendo ser empregada para espelhar e representar o mundo; e de outro, o mundo já discretizado em todos os seus elementos na expectativa de que alguém os nomeie. Por essa razão, ele também assegura ser necessário questionar quais são os

processos utilizados para a discretização. A resposta de diversos autores que trabalham dentro do sociocognitismo é que essa discretização se dá não de maneira unilateral, mas no diálogo e em comum acordo entre os interlocutores. Como adverte Marcuschi (2003), se a ação de 'dizer' é uma maneira de construir o mundo, não se pode esquecer que dizer é dizer para alguém, de modo que a construção do mundo pelo discurso é dialógica, interativa. Sobre isso, Mondada e Dubois (2003) afirmam que:

As categorias utilizadas para descrever o mundo mudam, por sua vez, sincrônica e diacronicamente: quer seja em discursos comuns ou em discursos científicos, elas são múltiplas e inconstantes; são controversas antes de serem fixadas normativa e historicamente. (...) A variabilidade das categorizações sociais mostra que há sempre, por exemplo, muitas categorias possíveis para identificar uma pessoa: ela pode ser igualmente tratada de 'antieuropeia' ou de 'nacionalista' segundo o ponto de vista ideológico adotado; diacronicamente, um 'traidor' pode tornar-se um 'herói'. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22-23).

Nesse sentido, Stokoe (2003) lembra que os recursos de que as pessoas dispõem para fazer categorizações são culturalmente estabelecidos, reafirmando a ideia cunhada por Harvey Sacks (1992) no quadro da etnometodologia. Esse ato de categorizar é, ainda, volátil, pois as pessoas se norteiam para os diversos contextos e para os momentos interacionais, atentas àquilo que avaliam que seja esperado delas ao produzirem suas falas e performances. Segundo Sacks, os falantes se entendem porque a organização social é estabelecida dentro das estruturas das conversas mais triviais.

Sacks busca apreender quando e como os atores sociais fazem descrições, com o fim de expor os métodos através dos quais elas são produzidas e usa um bom exemplo para ilustrar tais métodos: uma interação entre um combatente do Vietnã e um repórter. Na entrevista, o repórter indaga ao soldado como se sente ao saber que possivelmente suas bombas mataram pessoas. O soldado está precavido sobre o fato de que matar alguém não faz parte do esquema moral e, em sua réplica, faz uma série de seleções que o auxiliam a projetar uma imagem positiva de si mesmo: afirma que não lhe agrada a ideia de matar alguém e que, como militar, assim como outros da mesma classe, precisou arremessar bombas e finaliza afirmando que nesse "negócio" é necessário ser impessoal.

Nesse caso, a escolha da categoria militar afiança a atividade de jogar bombas, porquanto é isso que os militares fazem quando estão em guerra. O entrevistado faz menção também a outros militares que, assim como ele, lançam bombas quando em guerra. Uma vez estabelecidas tais relações, como lembra o autor supracitado, não existiria o que recriminar.

A categoria "negócio", empregada pelo soldado, vinculada à atitude de ser impessoal, justifica não somente uma atitude que é

adotada em campo de batalha, mas também em outros “negócios”. Se a conduta da impessoalidade fosse particular do exército (e não é), então o repórter e os espectadores entenderiam que o problema poderia ser com o exército. Essas escolhas mostram como a moralidade é interacional e situacionalmente negociada entre os falantes que constroem suas falas de forma sincronizada.

Moscovici distingue classificação de categorização. Para o autor, “classificar algo significa que nós o confinamos a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é, permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe.” (Moscovici, 2009, p. 63) Nesse sentido, ao classificar cria-se um modelo apropriado para representar a classe e levantam-se expectativas em torno do que é esperado. Já “categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”. Para o autor, categoriza-se quando, por exemplo, supõe-se ser uma novela, um programa de rádio, por ser suficientemente parecido com o que é conhecido sobre esse tipo textual.

Na área da linguagem a categorização torna-se essencial para os estudos linguísticos nas perspectivas enunciativas e sociointeracionistas, que assumem a concepção de enunciação como um processo que instaura a realidade social. Mais precisamente, essas concepções concebem a atividade linguística como maneira de construir a realidade na interação, privilegiando o processo discursivo e as condições de funcionamento da linguagem em detrimento do seu sistema puramente estrutural.

ABSTRACT

This bibliographical study aims to present the concept, features and importance of categorization for all fields of human activity, especially for language studies.

Keywords: Categorization. Classification. Language. Language studies.

PARA APROFUNDAR NO TEMA:

ARISTÓTELES. *Categorias*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Curso de linguística cognitiva*. São Paulo: Mimeo, 2005.

MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V. et al (Org.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de

referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES; Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

PESSANHA, José Américo Motta. Platão. In: **Os pensadores**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Categorias**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina. (Org.). **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2004. p. 49-78.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Discurso, cognição e gramática nos processos de textualização. In: Encontro de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal: discurso e gramática, 6, 2002, Brasília. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, 2002. (Mimeo).

MEDRADO, Betânia Passos. **Espelho, espelho meu: um estudo sócio cognitivo sobre a conceptualização do fazer pedagógico em narrativas de professoras**. 2006. 322 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife. Disponível em <www.ufpe.br/pgletras/2006/teses/tese-betania.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2010.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Org.) et al. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

RODRIGUES-LEITE, Jan Edson. **A construção pública do conhecimento: linguagem e interação na cognição social**. 2004. 246 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. cap. 1, p. 35-73. Disponível em: <<http://biblioteca.universia.net/ficha.do?id=28607941>>. Acesso em: 12 ago. 2010.

SACKS, Harvey. **Lectures on conversation**. Oxford: Blackwell, 1992.

STOKOE, E. H. Doing gender, doing categorization: recent developments in language and gender research. **International sociolinguistics**, Leicestershire, v.2, n.1, 2003. Disponível em: <http://www.crisaps.org/newsletter/backissue/stokoe_back.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os pensadores).